

Luis Mauro Sá **MARTINO**
Faculdade Cásper Líbero – Brasil

O que foi teoria da comunicação? Um estudo da bibliografia entre 1967-1986

Que fue teoría de la comunicación?
La bibliografía entre 1967-1986

What was 'communication theory'?
A bibliographical research 1967-1986

Recebido em: 22 out. 2010
Aceito em: 17 mar. 2011

Luis Mauro Sá Martino é doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP; docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Contemporaneidade e dos cursos de graduação em Jornalismo e Rádio e TV da Faculdade Cásper Líbero.
Contato: imsamartino@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste texto é verificar o que se entendia por “teoria da comunicação” entre os anos de 1967 e 1986, tomando como objeto parte da bibliografia disponível sob esse título no período. A partir do estudo dos livros e revistas acadêmicas do período, delineiam-se três observações: (a) há uma divergência a respeito do que é “teoria da comunicação” a partir do próprio nome da disciplina, intercambiado com outros em alguns casos; (b) essa ambivalência reflete-se no conteúdo: o grau de consenso sobre o que era teoria da comunicação é mínimo; (c) as discussões epistemológicas sobre a especificidade da comunicação apoiavam-se nas demandas do ensino universitário. Nas considerações finais, mostra-se um paralelo entre os problemas desses “anos de formação” e questões atuais do campo.

Palavras-chave: teoria da comunicação; história; epistemologia.

RESUMEN

El presente artículo verifica lo que se entiende por “teoría de la comunicación” entre los años 1967 a 1986, tomando como objeto de investigación parte de la bibliografía disponible bajo este título durante el período. A partir del estudio, tres observaciones se destacan: (a) hay un desacuerdo sobre que es "teoría de la comunicación" desde el propio nombre de la disciplina, intercambiado con otros en algunos casos, (b) esta ambivalencia se refleja en el contenido de los libros: no hay consenso acerca de lo que se llama “teoría de la comunicación” (c) los debates epistemológicos son dirigidos a la enseñanza universitaria. Por último, hay un paralelo entre los problemas de los "años formativos" y temas de actualidad en el campo.

Palabras clave: teoría de la comunicación; historia; epistemología.

ABSTRACT

This paper explores what was meant by “communication theory” in college textbooks, academic journals and similar books published between 1967 and 1986. The exam suggests three points: (a) there is no consensus about what is “communication theory”, and the first disagreement is about the name, occasionally replaced by others; (b) this ambivalence can be also found in the books contents: there is virtually no agreement on what ideas and theories belongs to “communication”; (c) teaching was the main source of epistemological debates. Finally, it is suggested a parallel between those problems and nowadays questions.

Keywords: communication theory; history; epistemology.

Introdução

O título deste texto faz referência ao debate, no âmbito das Teorias da Comunicação, a respeito do que constitui o corpo teórico específico da área. Uma das maneiras de responder a essa questão é observar quais são os saberes agrupados sob o nome “teoria da comunicação”, método que vem sendo usado por diversos pesquisadores (BRAGA, 2001; MALDONADO, 2002; BARBOSA, 2002; MARTINO, 2005).

Neste trabalho, o foco se desloca para uma perspectiva histórica, observando como essa questão se delineava nos “anos de formação” da pesquisa em comunicação no Brasil a partir do exame da bibliografia disponível na época. Para isso, são estudados livros escritos por autores brasileiros intitulados “Teoria da Comunicação” (ou com nomes semelhantes) nos anos 1967 até 1986, procurando observar os pontos em comum, as convergências e divergências a respeito do que constitui essa área de estudos.

A primeira data coincide com o lançamento de *Informação. Linguagem. Comunicação*, de Décio Pignatari; a segunda é com a publicação de *Subsídios para uma teoria da comunicação de massa*, de Luiz Beltrão e Newton Quirino. O arbitrário na escolha se justifica, no primeiro caso, por se tratar do primeiro trabalho teórico na área de comunicação escrito por autor brasileiro; no segundo, por haver um hiato de quase oito anos entre o livro de Beltrão e Quirino e uma nova produção de livros sobre o tema, ancorados em uma perspectiva diferente.

Não há pretensão de ineditismo no assunto. Há inventários e genealogias semelhantes em Melo (2003; 2010), Braga (2001) e Lopes (2006) e Hohfeldt (2008). Aqui se procura por algo semelhante, mas observando um *corpus* de pesquisa anterior ao contemplado por esses autores. O questionamento que originou este texto não vem “de fora”, na pretensão de uma objetividade a respeito da pergunta, mas do envolvimento cotidiano com o tema, na pesquisa e na sala de aula – um interesse de “dentro de casa”, na expressão de Fausto Neto (2002).

O objetivo não é fazer uma história das teorias da comunicação, mas endereçar aos textos apresentados sob o nome “teoria da comunicação” algumas perguntas que permitam observar o delineamento da área: havia, por exemplo, algum consenso entre os autores? Havia temas, objetos e problemas comuns? Em caso negativo, quais conhecimentos estavam arrolados nessa disciplina?

Se tomarmos a divisão do chamado “campo da comunicação” na perspectiva de Lopes (2003), mencionada também por Braga (2007) e Romancini (2006), este trabalho procura observar as relações entre os subcampos do “ensino” e da “pesquisa”, como espaços respectivamente da divulgação e da produção do conhecimento. O corpo de análise deste trabalho delimita-se em torno dos seguintes livros:

- PIGNATARI, D. **Informação. Linguagem. Comunicação.** São Paulo: Perspectiva, 1967.
- MELO, J. M. **Comunicação social: teoria e pesquisa.** Petrópolis: Vozes, 1971.
- REVISTA DE CULTURA VOZES. **Teoria da Comunicação.** Petrópolis: Vozes, v. 65 n. 9, nov. 1971.
- REVISTA DE CULTURA VOZES. **Escolas de Comunicação e Profissionalização.** Petrópolis: Vozes, v. 66 n. 8, out. 1972.
- SÁ, Adísia (org.) **Fundamentos científicos da Comunicação.** Petrópolis: Vozes, 1973.
- MOREIRA, R. **Teoria da comunicação: ideologia e utopia.** Petrópolis: Vozes, 1979.
- BELTRÃO, L. **Teoria geral da comunicação.** 3. edição. Brasília: Thesaurus, 1982.
- BELTRÃO, L. e QUIRINO, N. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa.** São Paulo: Summus, 1986.

Quadro 1: Corpus da pesquisa

Este artigo está dividido em três partes. A primeira focaliza as questões relativas às discussões sobre a constituição da área de estudos a partir do dissenso sobre o nome, que, nas primeiras obras, oscilava entre “teoria da comunicação” e “fundamentos científicos da comunicação”; em seguida, discute-se o que se agrupava sobre esse nome; finalmente, procura-se delinear uma relação entre as demandas do ensino universitário de comunicação e a definição do que era “teoria da comunicação”.

Antes de centrar o foco na produção brasileira sobre o tema, no entanto, é útil observar brevemente o que havia disponível ao estudante e pesquisador de comunicação no intervalo histórico que limita este texto.

Antes do início

Conforme indica Venício Lima (2001:23), o cenário da literatura disponível para o estudante de Comunicação até o início dos anos 1990 era pontuado por alguns poucos títulos no mercado editorial. As coletâneas *Comunicação e Indústria Cultural*, de Gabriel Cohn, e *Teoria da Cultura de Massa*, de Luiz Costa Lima, tornavam disponíveis aos leitores brasileiros alguns dos principais textos teóricos até então sem versão brasileira.

Uma tradução, feita por Carlos Nelson Coutinho, do texto de Walter Benjamin “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, apropriado posteriormente como um dos elementos de “teoria da comunicação”, apareceu na revista *Civilização Brasileira*, no. 19/20, de 1968, sendo um dos registros mais antigos de um texto desse tipo apresentado ao público brasileiro. É possível observar, de saída, a ambivalência na definição das teorias “da comunicação” em sua fronteira com outras áreas: basta lembrar que a coletânea de Luiz Costa Lima, com textos hoje considerados básicos para a disciplina “teoria da comunicação”, foi originalmente pensada como um curso dirigido a estudantes de Sociologia e Literatura (Lima, 1978).

O nome “Teoria da Comunicação” propriamente dito era usado em livros de origem norte-americana: *Teoria da Comunicação Humana*, de Frank X. Dance, a primeira versão de *Teorias da Comunicação de Massa*, de Melvin DeFleur, *Fundamentos teóricos da comunicação humana*, de Stephen Littlejohn e *Teoria Matemática da Comunicação*, Claude Shannon e David Weaver.

Essa bibliografia, como destacam alguns autores, (DÓRIA, 1972; SODRÉ, 1972; LIMA, 1983), respondia não apenas às demandas da pesquisa acadêmica, mas às necessidades do ensino universitário. Uma vez que uma das propostas dos nascentes cursos de comunicação era oferecer formação humanística, tornava-se necessário pensar a comunicação, refletir a seu respeito e teorizá-la. É a partir desse contexto que se esboçam os limites de uma disciplina intitulada “teoria da comunicação”.

Título, aliás, que estava longe de ser objeto de consenso.

O problema da nomenclatura

“A teoria da informação é também conhecida como teoria da comunicação e Teoria da Informação e Comunicação”. Essas são as primeiras linhas de *Informação*.

Linguagem. Comunicação, de Décio Pignatari (1967:18), a partir das quais inicia a discussão conceitual a respeito do assunto. Publicado pela primeira vez em 1967, o livro encontra-se hoje na 26ª edição, fato notável para uma publicação acadêmica. Este não é o espaço de discutir seus méritos, mas de observar a indicação a respeito da “teoria da comunicação”.

O autor parece propor uma equivalência entre "teoria da comunicação" e "teoria da informação", priorizando a última. De fato, trata-se de um livro sobre teoria dos signos, semiótica e cultura de massas.

Destaca-se, nesse sentido, o ponto de flutuação na definição do que é “teoria da comunicação” a partir de sua equivalência com “teoria da informação”. Tal como apresentada, essa equivalência pode indicar, ao leitor ainda não familiarizado com a pluralidade de teorias da área, em um jogo de metonímia epistemológica, que toda “teoria da comunicação” seria teoria da informação. Não se trata, em absoluto, de dirigir uma crítica ao livro, mas de indicar o uso de “teoria da comunicação” feito na obra para indicar um conjunto específico de saberes.

Ambiguidade semelhante é encontrada no número 9 da *Revista de Cultura Vozes*, dedicado à “teoria da comunicação”, que, por conta de suas peculiaridades, merece uma análise um pouco mais detalhada. Publicada pela editora Vozes, de Petrópolis, cada número monográfico trazia um “dossiê”, em geral três ou quatro textos a respeito do assunto. O volume 65, número 9, novembro de 1971, estampa na capa o nome “Teoria da Comunicação”. Apesar disso, o editorial, assinado por Clarêncio Neotti, indica outra direção:

‘Teoria da Comunicação’, ou ‘Teorias da Comunicação’, se intitulava a matéria nos currículos universitários. Hoje a cadeira tem o nome de ‘Fundamentos científicos da comunicação’ e vem tomando cada dia maior importância entre as demais disciplinas.

Um primeiro aspecto a destacar nesse parágrafo é a indicação da presença e do lugar de uma disciplina chamada “Teoria(s) da Comunicação” nos cursos universitários. Não há outro indício, ao menos na bibliografia sobre o tema, de que o nome “teoria da comunicação” tenha deixado de ser usado para designar uma disciplina básica para a compreensão da comunicação. Essa mudança, por exemplo, não é indicada em livros que investigam o ensino de comunicação – vejam-se, a respeito, Lins da Silva (1979), Marques de Melo (1990) e Nuzzi (1983).

A indicação da mudança de nome, de “Teoria(s) da Comunicação” para “Fundamentos Científicos da Comunicação”, pode ser indício de uma alteração no estatuto epistemológico – e/ou no conteúdo programático – da disciplina? A mudança de “teoria” para “fundamentos científicos” sugere uma perspectiva mais próxima de “ciência” do que simplesmente um estudo de “teoria”, com toda a carga semântica negativa, indicada por Lima (1981:193), que o termo às vezes recebe.

É válido apontar, nesse sentido, *Fundamentos Científicos da Comunicação*, coletânea organizada por Adísia Sá (1973). Em linhas gerais, e sem a pretensão de resenhar o livro, pode-se notar a existência de uma concepção bastante ampla de “comunicação”, da interação química celular até aspectos sociológicos.

Ainda na questão da nomenclatura, Luiz Beltrão, em *Teoria Geral da Comunicação*, publicado em 3ª edição em 1978, menciona duas edições prévias do livro publicadas, em forma de apostila, como “Fundamentos Científicos da Comunicação”.

Já em *Teoria da comunicação: ideologia e utopia*, de 1979, Roberto Moreira não discute a questão: o livro propõe uma abordagem específica para a leitura dos fenômenos comunicacionais a partir das noções de ideologia e indústria cultural, seguindo na tradição de Horkheimer e Adorno, em linhas gerais, e das propostas de Gabriel Cohn em seu *Sociologia da Comunicação*, de 1971.

Ao que essas evidências indicam, agrupava-se sob o nome “teoria da comunicação” um conjunto bastante grande de saberes, vindos de áreas diversas. É difícil argumentar a favor ou contra a existência de um elemento propriamente comunicacional nessas pesquisas na medida em que à indefinição da nomenclatura segue-se o problema dos limites e fronteiras do conhecimento específico da área.

A área de abrangência

É possível endereçar uma segunda pergunta: o que cabia em uma publicação intitulada “teoria da comunicação”? A resposta guarda diferentes graus de familiaridade com o que seria pensado hoje a respeito.

No dossiê da *Revista de Cultura Vozes*, trata-se de um conjunto de estudos sobre narrativa, semântica e símbolos, mais próximos da literatura do que propriamente do estudo do que se chamaria na época de “comunicação de massa”. Na revista, “teoria da comunicação” era uma expressão de contornos bastante elásticos, à qual se podia

agregar estudos que não convergiam necessariamente para um aspecto do fenômeno comunicacional, mas para sua fronteira com outras áreas.

Como nota Lopes (2006), essa indefinição inicial se liga ao fato de a “comunicação” ser um campo em formação. Os textos publicados naquela edição da *Revista de Cultura Vozes* talvez hoje fossem encaminhados para alguma publicação específica sobre literatura ou linguística.

Outra concepção extensa de “teoria da comunicação” está presente no livro de Luiz Beltrão. Posterior em cinco anos à *Comunicação Social: teoria e pesquisa* de José Marques de Melo, o livro sistematiza o estudo da comunicação dividindo-o não por escolas teóricas, mas por modalidades. Como fazem os autores de *Fundamentos Científicos da Comunicação*, Beltrão articula vários níveis de análise em um panorama bastante abrangente dos principais problemas da comunicação, desde sua presença como elemento natural, passando pelas relações entre comunicação e cultura, a semiótica (chamada de “semiologia”) como elemento para o estudo das interações pela linguagem, pelo signos e a folkcomunicação.

Nesse sentido, o livro seguinte publicado por Beltrão sobre o tema é *Subsídios para uma Teoria da Comunicação de Massa*, em parceria com Newton Quirino, em 1986, no qual faz novamente um panorama do tema, tendo como foco agora as relações entre a indústria da comunicação e a sociedade contemporânea. Assim como na obra anterior, trata-se de um enquadramento bastante amplo dos fenômenos comunicacionais, tratando de aspectos sociais, éticos, estéticos, políticos e jurídicos.

O exame dos sumários desses livros pode dar uma indicação, sem a pretensão de resumir conteúdos por títulos, dos temas agrupados sob o nome “teoria da comunicação”:

PIGNATARI, D. Informação. Linguagem. Comunicação. São Paulo: Perspectiva, 1967.	MELO, J. M. Comunicação social: teoria e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1971.	MOREIRA, R. Teoria da comunicação: ideologia e utopia. Petrópolis: Vozes, 1979.	BELTRÃO, L. Teoria geral da comunicação. 3. edição. Brasília: Thesaurus, 1982.	BELTRÃO, L. e QUIRINO, N. Subsídios para uma teoria da comunicação de massa. São Paulo: Summus, 1986.
--	--	--	--	---

Introdução à teoria da informação	Comunicação: conceito e estrutura	Contexto: a sociedade administrada A indústria cultural	A Terra e o universo de relações: informação, expressão, comunicação	A Sociedade contemporânea
Semiótica ou Teoria dos Signos	O que é comunicação? Conceitos científicos	Ideologia	Gregarismo vegetal e animal – A comunicação biopsicológica	Vida social e comunicação
Estatística e Informação	Conceitos filosóficos	O estatuto da ideologia		Comunicação de massa
A teoria da informação	Conceito estrutural	Natureza da ideologia		Ética, estética e política na comunicação
Pesquisas e aplicações	Ciências da Informação	Ideologia e classe social	O homem, sua sociedade e a comunicação cultural	A mensagem e o meio na comunicação de massa
Comunicação e cultura de massas	Introdução Classificação Conceituação	Ideologia e	Semiologia: as linguagens da comunicação humana	O comunicador de massa: atividades e responsabilidades
	A pesquisa em comunicação Origens, Evolução, Tendências O panorama brasileiro	Ciência Ciências sociais e naturais Ruptura epistemological Utopia possível	O processo da comunicação: elementos e dinâmicas	Os efeitos e o controle social da comunicação de massa
	Comunicação, Cultura de Massas, Cultura Popular	Leitura ideológica Aprender a ler	A pragmática da comunicação: objetivos, tipologia, sistemas	
			Comunicação: condições previsíveis e acidentais	
			Comunicação: efeitos endógenos e exógenos	

Quadro 2: Comparativo dos sumários das obras analisadas

Uma das características que salta aos olhos do leitor acostumado com os livros contemporâneos de “Teoria da Comunicação” é a ausência, nos trabalhos pertencentes ao *corpus*, da divisão em “escolas teóricas”.

Quem examinar a produção atual vai notar, em linhas gerais, que os livros dedicam capítulos específicos ao “Funcionalismo norte-americano”, “Escola de Frankfurt”, “McLuhan” e assim por diante, apresentando algumas variações nessa nomenclatura.

Se há algum “cânone”, atualmente, ele é constituído por autores, conceitos e teorias, mais do que por uma divisão temática – vejam-se, por exemplo, Melo (1999), Hohfeldt et al (2002), Gomes (2002), Temer e Nery (2009) e Martino (2009). Já nos livros que constituem o *corpus* deste trabalho a divisão dos capítulos se dá por temas, como visto na tabela acima. Não há esse “cânone” de autores, o que explica a dispersão temática dos livros antigos – consideravelmente maior do que a existente hoje em dia. Assim, é possível observar uma ruptura entre essa literatura “antiga” e a “recente” na formação de um cânone mínimo, ou uma espécie de núcleo consensual, entre os diversos autores da área.

Vale lembrar, tendo em mente o momento atual, que a divisão de capítulos dos livros encontra uma equivalência nas ementas dos programas de ensino universitário. Uma pesquisa ainda em andamento (MARTINO, s.d.) indica correspondências mais ou menos minuciosas entre esse cânone encontrado na bibliografia e as ementas. Havia essa equivalência também entre os livros do período estudado e os programas de ensino da mesma época?

A resposta completa demandaria um estudo minucioso dos programas de ensino da época, mas é possível, com base na bibliografia, inferir algumas dessas relações entre livros e demandas acadêmicas. Os textos de Dória (1972) e Sá (1973) apontam para certa relação entre ambos. Ao que parece, os programas de ensino voltavam-se para estudar a “Comunicação” como um conjunto de fenômenos não apenas culturais, mas naturais. Observe-se, por exemplo, que no livro de Sá, pensado como livro-texto para a época, existem capítulos sobre os fundamentos “Biológicos” e “Psicológicos” da Comunicação.

Outro aspecto é o panorama de assuntos abordados. A divisão temática permite entrever, igualmente, algumas das possibilidades de se pensar em uma epistemologia da comunicação, ligada, em parte, às necessidades de ensino e pesquisa. Embora apenas o

livro de Melo faça isso, é possível se ter uma noção da discussão sobre comunicação a partir dos debates do período. É o assunto do próximo item.

As demandas do ensino

A gênese da Teoria da Comunicação como área do conhecimento parece estar ligada, também, à consolidação dos cursos de comunicação. Um dos motivos é um problema elementar de qualquer curso universitário, a definição dos conteúdos a serem ministrados em aula.

O crescimento dos cursos de comunicação – são 43 cursos já em 1972 – bem como sua regulamentação, leva à questão do que significa um Curso de Comunicação – o que devia ser ensinado? A resposta remete para um questionamento mais amplo: o que constitui a especificidade de uma epistemologia da comunicação? Se existe um curso de Comunicação, qual é o saber a ser ensinado/pesquisado dentro do espaço universitário? (HOHFELDT, 2008).

Um dos problemas iniciais era a dicotomia entre o “ensino prático” e o “ensino teórico”. Para usar uma terminologia de Venício Lima (1983), o debate entre a formação “humanística” do profissional e o elemento propriamente “técnico” dos cursos de Comunicação aparentemente se configurou no mesmo momento em que esses cursos ganhavam importância – e esse crescimento não deixou de significar novos problemas colocados aos pesquisadores.

Para ilustrar essa questão, vale recordar um texto de Francisco Dória (1972:599), datado de 1972, no qual analisa o então curso de Comunicação da ECO/UFRJ e identifica essa dicotomia. Enquanto repórteres e editores se preocupavam com a parte técnica do ensino, os “intelectuais”, mostrando a “última moda” do pensamento, seriam os responsáveis pelas disciplinas “teóricas”. No entanto, prossegue, não há uma definição, sequer pistas, do que poderia representar essa parte teórica:

Disciplinas com títulos pomposos e obscuros como ‘Fundamentos Científicos da Comunicação’, ‘Fundamentos Antropológicos e Psicológicos da Comunicação’, ‘Comunicação Semântica’, permitiam aos seus docentes total liberdade no assunto a ser lecionado (...) Pois, de fato, ninguém até hoje conseguiu dar contornos definidos às muitas áreas e teorias que agrupamos com o nome de ‘teoria da comunicação’. Eu me pergunto inclusive se é possível alguma definição aí. (DORIA, 1972:599)

Em um sentido próximo, José Marques de Melo, no prefácio ao livro de Beltrão e Quirino, menciona as relações entre teoria da comunicação e os cursos universitários: a necessidade de um livro de Teoria da Comunicação estava ligada, em sua origem, às particularidades do ensino acadêmico. Para o autor (1986:13):

(...) as incursões didáticas feitas por Adísia Sá, Décio Pignatari e Marcelo Azevedo restringiam-se a aspectos genéricos do processo de comunicação, em suas articulações com a linguagem, a cultura e a cibernética, pouco avançando em direção ao complexo da comunicação de massa. Restava aos docentes que atuam na área recomendar aos alunos, como suporte pedagógico, a leitura de textos de autores de outros países.

Na apresentação de *Fundamentos Científicos da Comunicação*, Eduardo D. B. Menezes reafirma o vínculo com as demandas de sala de aula, lembrando que o livro havia sido escrito especificamente para esse fim e reiterando o problema de fronteiras: “Na minha opinião, não temos aí uma disciplina, mas um conjunto delas, suficientemente amplo para induzir o desânimo nos espíritos mais ousados (1973:9)”.

Um último aspecto a ser comentado nessa questão entre ensino e teoria é a perspectiva das relações entre teoria e espaço social. No mesmo número da *revista Vozes* analisado, o editorial oferece um vislumbre do que significavam os cursos de comunicação naquele momento: “Comunicação está na moda. Isso serve para encher as 43 faculdades de alunos que não terminarão o curso, de alunos que, terminado o curso, metade não exercerá a profissão e metade não terá emprego honesto”. (NEOTTI, 1972:592).

Páginas adiante, o diploma em Comunicação, explica Dória (1972:599), citando o depoimento verbal de um aluno, seria “um diploma de nada, porque uma Escola de Comunicação é uma escola de nada, é uma escola onde se leciona de tudo, tudo e nada”.

Indefinições finais

O mapeamento da genealogia de uma área do saber certamente não se resume a um exame sumário da bibliografia a respeito. Exigiria a reconstituição de um processo dinâmico do saber, em sua circulação acadêmica, editorial, científica e, por que não, interpessoal. Neste trabalho, procurou-se pontuar tais questões.

Aparentemente não havia, trinta anos atrás, um consenso sobre o que era uma “teoria da comunicação”. O problema epistemológico contemporâneo da indefinição das fronteiras disciplinares da comunicação parece existir desde o início das atividades de pesquisa, ou, pelo menos, das publicações.

No intuito de situar este estudo com algumas das problemáticas contemporâneas, o quadro abaixo propõe um delineamento das principais diferenças entre a bibliografia produzida entre 1967 e 1986 e a atual, entendida como os livros publicados de 1992 até 2010:

	Bibliografia 1967 – 1986	Bibliografia 1992 – Atual
Doutrina	Dispersão, sem a presença de nenhum tipo de eixo ao redor dos quais os saberes se relacionassem diretamente com comunicação.	Formação de um cânone mínimo estruturado ao redor de autores e escolas – em linhas gerais, Funcionalismo, Escola de Frankfurt, McLuhan e Estudos Culturais.
Objeto de estudos	Disperso: qualquer tipo de relação, da celular à interação social, é vista como “comunicação”.	Agrupa-se em torno de dois eixos: o midiático (“comunicação é o estudo dos meios”) e o relacional (“comunicação é o estudo das interações”).
Origem das teorias	Estados Unidos e França.	Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra e América Latina.
Divisão dos livros	A partir de núcleos temáticos.	A partir de escolas, autores e conceitos.

Quadro 3: Diferenças entre a bibliografia 1967-1986 e a contemporânea. Fonte: França (2001), Barbosa (2002), Braga (2001) e Martino (2009).

O exame da genealogia do Campo da Comunicação do Brasil oferece algumas pistas para se pensar as questões atuais da área, especialmente no que concerne aos problemas epistemológicos referentes à definição do objeto de pesquisa, dos saberes procurados e das metodologias que podem ser empregadas nas pesquisas (FRANÇA, 2001; BARBOSA, 2001). O exame da bibliografia “clássica” – nome usado na falta de

outro melhor – de Teoria da Comunicação permite ver que algumas discussões contemporâneas podem encontrar suas raízes na própria constituição da área.

A formação de uma área do saber não obedece apenas às demandas epistemológicas e necessidades de pesquisa, mas também às condições sociais de produção específica de um saber. Nesse aspecto, como lembram vários autores (BOURDIEU, 2001; FERREIRA, 2005), não se pode desvincular os elementos epistemológicos das condições de sua formação, bem como não se pode reduzir um ao outro.

Tendo isso em mente, é importante lembrar que o desenvolvimento epistemológico da área da Comunicação no Brasil não se delineou apenas a partir de demandas científicas, mas sobretudo comerciais, quando se tornou necessário formar uma mão de obra de técnicos altamente qualificados para lidar com o crescente aparato das empresas de comunicação (ORTIZ, 1993; MELO, 1974). A criação dos cursos universitários na área, à qual está ligado o desenvolvimento da bibliografia estudada neste texto, ocorreu sem que houvesse uma maior discussão a respeito de quais saberes, de fato, deveriam ser incluídos na formação do profissional – até porque não havia consenso sequer a respeito do modelo de profissional em questão (MELO, 1974).

Como uma abertura final, pode-se pensar que essas notas, de alguma maneira, podem oferecer algum argumento nos debates atuais: se atualmente ainda não se definiu exatamente o que é “teoria da comunicação”, resta o consolo de pensar que o problema não é de agora – talvez nunca se tenha definido exatamente o que é teoria da comunicação.

Referências

BARBOSA, M. “Paradigmas de construção do campo comunicacional”. In. HOHFELD, A. et al. **Tensões e Objetos da Pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre, Sulina, 2002.

BELTRÃO, L. e QUIRINO, N. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. São Paulo, Summus, 1986 .

BELTRÃO, L. **Teoria geral da comunicação**. 3. edição, Brasília, Thesaurus, 1982.

BRAGA, J. L. “Constituição do Campo da Comunicação”. In. FAUSTO NETO, A. et al. **O Campo da Comunicação**. João Pessoa, UFPB, 2001.

FERREIRA, J. “Campo acadêmico e epistemologia da comunicação”. In. LEMOS, A. et al. (orgs). **Mídia.br**. Porto Alegre, Sulina, 2003.

_____. “Questões e linhagens na construção do campo epistemológico da Comunicação”. In. _____. **Cenários, teorias e epistemologias da comunicação**. Rio de Janeiro, E-Papers, 2007.

FRANÇA, V. V. “Paradigmas da comunicação: conhecer o que?”. In: MOTTA, L. G. et al. **Estratégias e Culturas da Comunicação**. Brasília, Ed. UnB, 2002.

HOHFELDT, A. “Teoria da comunicação: a recepção brasileira das correntes do pensamento hegemônico”. In. MELO, J. M. **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 2008.

LIMA, V. “Repensando as teorias da comunicação”. In: MELO, J. M. **Teoria e pesquisa em comunicação**. São Paulo, Intercom/Cortez, 1983.

_____. **Mídia: teoria e pesquisa**. São Paulo, Perseu Abramo, 2001.

LIMA, L. C. **Dispersa Demanda**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981.

_____. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

LINS DA SILVA, C. E. “Teoria da Comunicação”. In. MELO, J. M. et al. **Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação**. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.

LOPES, M. I. V. “Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: LOPES, M. I. V. **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MALDONADO, A. E. “Explorações sobre a problemática epistemológica do campo das ciências da comunicação”. **Ciberlegenda**, n. 10, 2002.

MARTINO, L. C. “Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional”. In: CAPPARELLI, S. et al. **A Comunicação Revisitada**. Porto Alegre, Sulina, 2005.

MARTINO, L. M. S. “A ilusão teórica no campo da comunicação”. **Famecos**, n.38. Junho - Agosto, Porto Alegre, 2008.

_____. “Quatro ambivalências na teoria da comunicação”. Trabalho apresentado no XXX Congresso da Intercom. Curitiba, PR, 10-13 de setembro 2009.

_____. **Teoria da Comunicação**. Petrópolis, Vozes, 2009.

MELO, J. M. “Apresentação”. In: MELO, J. M. (org). **Pesquisa em Comunicação no Brasil: Tendências e Perspectivas**. São Paulo, Intercom/Cortez, 1983.

_____. **Comunicação e Modernidade**. São Paulo, Loyola, 1991.

_____. **Comunicação social: teoria e pesquisa**. Petrópolis, Vozes, 1971.

_____. **Contribuições para uma pedagogia da Comunicação.** São Paulo, Paulinas, 1974.

_____. **História do pensamento comunicacional.** São Paulo, Paulus, 2003.

_____. **Vestígios da travessia.** São Paulo, Paulus, 2009.

MOREIRA, R. **Teoria da comunicação: ideologia e utopia.** Petrópolis, Vozes, 1979.

NUZZI, E. F. “Ensino de Comunicação”. In. SILVA, R. P. Q. **Temas básicos em comunicação.** São Paulo, Paulinas, 1983.

ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira.** São Paulo, Brasiliense, 1993.

PIGNATARI, D. **Informação. Linguagem. Comunicação.** São Paulo, Perspectiva, 1967.

REVISTA DE CULTURA VOZES, **Escolas de Comunicação e Profissionalização.** Petrópolis, Vozes, v. 66 n. 8, out. 1972.

REVISTA DE CULTURA VOZES, **Teoria da Comunicação.** Petrópolis, Vozes, Ano 65, v. 65 n. 9, nov. 1971.

ROCHA, E. **A sociedade do sonho.** Rio de Janeiro, Mauad, 1995.

_____ e COELHO, M. C. “De projetos, armadilhas e objetos: notas em Teoria da Comunicação”. In. FAUSTO NETO, A. et al (orgs.) **Brasil: comunicação, cultura e política.** Rio de Janeiro, Diadorim, 1994.

ROMANCINI, R. **O campo científico da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico.** Tese de doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006.

SÁ, A. (Org). **Fundamentos científicos da comunicação.** Petrópolis, Vozes, 1973.

SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa.** São Paulo, Hacker, 2001.